



**Entrelaçando  
Histórias:  
Explorando as Culturas  
Indígenas na escola**

Gisele Veríssimo da Silva  
Prof. Dr. Lincoln Tavares Silva

 **Editora**  
CAP-UERJ





**Entrelaçando  
Histórias:  
Explorando as  
Culturas Indígenas na  
escola**

# Entrelaçando Histórias: Explorando as Culturas Indígenas na escola

Gisele Veríssimo da Silva  
Prof. Dr. Lincoln Tavares Silva

**Núcleo de Extensão, Pesquisa e Editoração - NEPE**  
**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**  
**Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira - CAP-UERJ**  
**Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica**





**UERJ – UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

Centro de Educação e Humanidades (CEH)  
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp-UERJ)  
Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB)

**Reitora:** Gulnar Azevedo e Silva

**Diretora do CAp-UERJ:** Mônica Andrea Oliveira Almeida

**Vice-diretora:** Deborah da Costa Fontenelle

**Coordenadora do PPGEB:** Maria Cristina Ferreira dos Santos

**Vice-coordenador do PPGEB:** Leonardo Freire Marino

**Coordenador do Núcleo de Extensão, Pesquisa e Editoração (NEPE):**

Carlos Henrique Soares Fonseca

**Coordenador de Editoração:** Alexandre Xavier Lima

**CONSELHO EDITORIAL**

Alexandre Xavier Lima  
Deborah da Costa Fontenelle  
Elizandra Martins Silva  
Juliana de Moraes Prata

**COMISSÃO CIENTÍFICA**

Angélica Maria Reis Monteiro (U. PORTO)  
Daniel Suárez (UBA)  
Edmea Santos (UFRRJ)  
Jorge Luiz Marques de Moraes (CPII)  
José Humberto Silva (UNEB)  
Marcus Vinicius de Azevedo Basso (UFRGS)  
Rogerio Mendes de Lima (CPII)  
Waldmir Araujo Neto (UFRJ)

**BANCA EXAMINADORA**

Lincoln Tavares Silva (orientador) – UERJ  
Monica Regina Ferreira Lins (examinadora interna) – UERJ  
Rogério Mendes de Lima (examinador externo) – CPII



**Área:** Educação e Ensino

**Autores:** Gisele Veríssimo da Silva e Lincoln Tavares Silva

**Imagens e Design:** Domínio público e Canva

Copyright © 2025 - Todos os direitos desta edição reservados a  
Editora CAP-UERJ

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/CAP/A

S586	Silva, Gisele Verissimo da  Entrelaçando histórias: explorando as culturas indígenas na escola. / Gisele Verissimo da Silva, Lincoln Tavares Silva. – Rio de Janeiro: CAP-UERJ, 2025. 76 p. : il.  Produto educacional elaborado no Mestrado Profissional do PPGEB/CAP/UERJ. ISBN: 978-65-5134-011-6  1. Povos indígenas. 2. Ensino. 3. Lei 11.645/2008. I. Silva, Lincoln Tavares. II. Título.  CDU 373
------	--

Emily Dantas CRB-7 / 7149 - Bibliotecário responsável pela elaboração da ficha catalográfica.

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese/dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

2025

1ª Edição

Editora CAP-UERJ

Rua Barão de Itapagipe, 96 Rio Comprido – RJ CEP 20.261-005

<http://www.cap.uerj.br/site/>



# Apresentação

A formação continuada "Entrelaçando Histórias: Explorando as Culturas Indígenas na Escola", é o produto educacional advindo da pesquisa intitulada "Para além do dia 19 de abril: Ensino de História e Culturas Indígenas na Educação Básica", realizada no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Educação Básica (PPGEB/CAP-UERJ).

Promovida pela Fundação Cecierj, a disciplina com duração de 30 horas foi parte da área de Prática Docente do Programa de Formação Continuada de Professores e buscou incentivar o debate sobre a temática indígena na Educação Básica, proporcionando reflexões, diálogos e práticas pedagógicas significativas.

Este e-book reúne os conteúdos abordados ao longo do curso, assim como materiais de apoio utilizados durante a formação. O objetivo é ampliar esse conhecimento e torná-lo acessível como uma referência para futuras práticas educacionais que valorizem a diversidade cultural e a história dos povos indígenas no Brasil.

Acreditamos que a troca de saberes e a construção coletiva são fundamentais para uma educação mais inclusiva e representativa e que elas não se esgotam aqui. Que este material possa inspirar novas abordagens e fortalecer o compromisso com a valorização da cultura indígena na escola.

Boa leitura!

Os autores





# Introdução

A presença indígena no Brasil é ancestral e atravessou séculos de resistência, transformações e contribuições para a formação da sociedade. No entanto, a maneira como a História e as culturas indígenas são abordadas na escola ainda reflete concepções ultrapassadas, marcadas por estereótipos e pela invisibilização dos povos indígenas na contemporaneidade.

A Lei 11.645/2008 tornou obrigatório o ensino da história e cultura indígena na Educação Básica, representando um avanço significativo. No entanto, sua efetivação ainda enfrenta desafios, como a falta de materiais didáticos adequados, a escassez de formação para os professores e a persistência de narrativas que reduzem os povos indígenas a um passado distante, ignorando suas lutas, saberes e modos de vida atuais.

Este e-book busca contribuir para a superação desses desafios, oferecendo reflexões e propostas pedagógicas que valorizam a pluralidade indígena e rompem com abordagens reducionistas. Mais do que cumprir uma exigência legal, ensinar sobre os povos indígenas significa promover uma educação que reconhece a diversidade, combate preconceitos e fortalece o respeito às diferentes formas de existência destes grupos.

Que este material possa inspirar educadores a repensarem suas práticas e a construir, junto com seus alunos, um olhar mais amplo, crítico e respeitoso sobre os povos indígenas no Brasil.



# Sumário

<b>SEMANA DE APRESENTAÇÃO</b> .....	08
<b>SEMANA 2</b> Povos indígenas no Brasil: atravessamentos históricos, sociais e culturais.....	10
<b>SEMANA 3</b> Temática Indígena na escola: garantias legais.....	20
<b>SEMANA 4</b> Povos Originários: Representações genéricas X diversidade real.....	25
<b>SEMANA 5</b> Ensino do tema de forma decolonial e interdisciplinar.....	31
<b>SEMANA 6 e 7</b> Saberes ancestrais em voga.....	37
<b>SEMANAS 8 e 9</b> Desafios contemporâneos enfrentados pelos povos indígenas.....	43
<b>ATIVIDADE FINAL</b> A construção de um mural pedagógico.....	47
<b>SEMANA DE ENCERRAMENTO</b> .....	64
Conclusões dos cursistas.....	65
Conclusão dos mediadores.....	68
<b>Referências bibliográficas</b> .....	70
<b>Agradecimentos</b> .....	73
<b>Os autores</b> .....	74

# Semana de Apresentação

Olá, cursistas!

Sintam-se bem-vindos e acolhidos em nossa disciplina.

“Entrelaçando Histórias: Explorando a Cultura Indígena na Escola” é uma disciplina que convida educadores a repensarem e ampliarem sua abordagem sobre a temática indígena no ambiente escolar. A partir de uma perspectiva decolonial e interdisciplinar. O curso pretende abordar os atravessamentos históricos, sociais e culturais que perpassam as vivências dos povos indígenas no Brasil, destacando sua resistência e riqueza cultural.

Com base na BNCC, na Lei 11.645/2008 e na LDB, a disciplina explora como a legislação orienta o ensino da temática indígena e como abordá-la de forma crítica e transformadora, a fim de desconstruir representações genéricas dos povos originários, promovendo uma visão plural e fundamentada em dados reais sobre sua diversidade.

# Semana de Apresentação

Os participantes serão instigados a incorporar saberes ancestrais em suas práticas pedagógicas, como elementos da literatura, arte, língua e sustentabilidade, conectando-os aos desafios contemporâneos enfrentados por essas comunidades, como a luta pela terra e a preservação cultural.

Nossa disciplina, que nasceu da pesquisa intitulada “Para além do dia 19 de abril: Ensino de História e Cultura Indígena na Educação Básica”, realizada pela professora Gisele Veríssimo da Silva e orientada pelo Professor Dr. Lincoln Tavares Silva, tem o objetivo de construir, coletivamente, uma percepção mais plural, crítica e conectada à diversidade e cultura dos povos originários.

Vamos juntos?

## **Semana 2**

# **Povos Indígenas no Brasil: Atravessamentos Históricos, Sociais e Culturais**

Olá, cursistas!

Bem-vindos à disciplina “Entrelaçando Histórias: Explorando a Cultura Indígena na escola”. Neste encontro, discutiremos alguns dos contextos históricos, sociais e culturais que impactaram (e continuam impactando) os povos indígenas no Brasil, com ênfase na trajetória de resistência dessas comunidades desde a chegada dos colonizadores até os dias de hoje.

Vamos começar?



## **Semana 2**

# **Povos Indígenas no Brasil: Atravessamentos Históricos, Sociais e Culturais**

A temática indígena no Brasil é repleta de nuances e complexidades que perpassam séculos de história e refletem questões que vão muito além da relação com os colonizadores europeus.

A presença indígena no Brasil é milenar e as sociedades indígenas desenvolveram uma grande diversidade de culturas, línguas e formas de organização social antes mesmo da invasão.

O contato com os portugueses, tão mencionado desde nossos primeiros anos escolares, inaugurou uma série de processos de exploração que alteraram profundamente o modo de vida das comunidades indígenas.

Ao longo dos séculos, essa relação passou por diferentes fases e imposições, desde o extermínio e catequização, no período colonial, até a tentativa de integração forçada e a negação de direitos no período republicano.

## Semana 2

# Povos Indígenas no Brasil: Atravessamentos Históricos, Sociais e Culturais

Os processos violentos de dominação incluíam o trabalho forçado, a expropriação de suas terras e a tentativa de conversão ao Cristianismo. No período colonial, foi criada a ideia de que os indígenas precisavam ser “civilizados” e, para isso, os interesses do Estado português aliaram-se aos da Igreja Católica para instituir missões e aldeamentos. Nessas missões, os indígenas eram catequizados e educados de acordo com os valores europeus, o que resultava na perda de práticas culturais e da própria língua.



Quadro “A primeira missa no Brasil” de Victor Meirelles. 1860.

Disponível em: <https://jornalareliquia.blogspot.com/2013/02/a-1-missa-de-vitor-meirelles.html>. Acesso em 08 Jan. 2025.

## **Semana 2**

# **Povos Indígenas no Brasil: Atravessamentos Históricos, Sociais e Culturais**

Com a independência do Brasil, em 1822, o Estado brasileiro manteve uma política de dominação e integração dos indígenas. Durante o Império e, posteriormente, na República, foram implementadas legislações que pretendiam incorporar os indígenas à sociedade nacional, desconsiderando suas culturas e modos de vida. Em 1910, foi criado o [Serviço de Proteção aos Índios \(SPI\)](#), que tinha como objetivo proteger os direitos indígenas, mas que, na prática, muitas vezes colaborava com o avanço de fazendeiros sobre as terras indígenas. Os conflitos se intensificaram no século XX, com o avanço de projetos de infraestrutura, como a construção de estradas e hidrelétricas, que frequentemente desrespeitavam territórios tradicionais.

## Semana 2

# Povos Indígenas no Brasil: Atravessamentos Históricos, Sociais e Culturais

A criação da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), em 1967, durante o regime militar, representou um esforço para substituir o SPI e tutelar os povos indígenas, mas trouxe consigo também projetos que afetavam as comunidades de forma intensa. Nessa época, o Estado brasileiro defendia sobretudo uma política de integração dos indígenas à sociedade “civilizada”, incentivando projetos que resultaram em grandes deslocamentos de comunidades e até em violência, principalmente nas áreas de mineração e agropecuária. Neste período o movimento indígena no Brasil ganhou força e exigia o direito à terra e a preservação das culturas tradicionais.



Joenia Wapichana, a primeira indígena a presidir a Funai, tomou posse em 2023.

Foto: Joedson Alves/Agência Brasil

## **Semana 2**

# **Povos Indígenas no Brasil: Atravessamentos Históricos, Sociais e Culturais**

Em 1987, o líder indígena Ailton Krenak fez um discurso histórico durante a Assembleia Constituinte que marcava a redação da nova Constituição do Brasil. Em meio a uma série de discussões sobre os direitos dos povos indígenas, Krenak subiu ao púlpito e, num ato simbólico que ficou conhecido em todo o país, pintou o próprio rosto com tinta preta de jenipapo, um gesto de luto e resistência.



Ailton Krenak discursa na Assembleia Constituinte em 1987.

Foto: Reprodução/YouTube

## **Semana 2**

# **Povos Indígenas no Brasil: Atravessamentos Históricos, Sociais e Culturais**

Nesse discurso, Krenak denunciou o tratamento discriminatório e as violações que os povos indígenas enfrentavam, enfatizando a necessidade urgente de reconhecerem seus direitos à terra, à cultura e à autonomia. Seu apelo reforçou a importância de incluir na Constituição de 1988 garantias para a preservação dos direitos indígenas, o que foi um marco significativo no reconhecimento dos direitos dessas populações no Brasil.

## **Semana 2**

# **Povos Indígenas no Brasil: Atravessamentos Históricos, Sociais e Culturais**

A fala de Krenak se tornou um símbolo de resistência e luta pelos direitos indígenas, inspirando movimentos indígenas e defendendo uma visão de Brasil que respeite a diversidade e a identidade dos povos originários. Contudo, as dificuldades na implementação desses direitos e a constante pressão de setores econômicos, como o agronegócio e a mineração, ainda representam um desafio.

Assista o vídeo do discurso de Ailton Krenak: [Discurso Ailton Krenak Assembléia Nacional Constituinte - 1987.](#) 

No campo pedagógico, há legislações e diretrizes que foram promulgadas após diversas lutas, com o objetivo de ensinar as histórias e culturas indígenas eventos históricos pontuais, mas abordar de forma abrangente as contribuições, a resistência e a presença contínua das culturas indígenas no Brasil. A aplicação prática ainda enfrenta desafios, mas essas normativas incentivam escolas e professores a incorporar essa temática, visando a uma educação mais inclusiva e justa. Falaremos mais sobre elas na aula seguinte.

## **Semana 2**

# **Povos Indígenas no Brasil: Atravessamentos Históricos, Sociais e Culturais**

A inclusão da temática indígena na escola é, portanto, uma forma de promover uma educação crítica e plural, que incentiva os estudantes a ver a sociedade a partir de múltiplas perspectivas e reconhecer a importância da diversidade cultural na construção de uma cidadania mais consciente. Ao trazer essa temática para a sala de aula, educadores ajudam a construir uma memória coletiva (por isso o nome da disciplina) que valoriza as contribuições dos povos indígenas e contribuem para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Podemos refletir sobre como a escola pode ser um espaço de transformação, em que a história indígena é narrada por outros ângulos e em que as vozes indígenas são, finalmente, ouvidas e respeitadas. A temática indígena, quando trabalhada com sensibilidade e profundidade, enriquece o entendimento dos alunos sobre a História do Brasil, mostrando que o conhecimento sobre os povos indígenas não é apenas um resgate do passado, mas uma ponte para entender melhor o presente e para imaginar um futuro mais ancestral.

## **Semana 2**

# **Povos Indígenas no Brasil: Atravessamentos Históricos, Sociais e Culturais**

## **Fórum da Semana 2**



**Com base no texto e no histórico de resistência dos povos indígenas no Brasil, como nós, enquanto educadores, podemos adaptar o ensino da história indígena de maneira a decolonizar a narrativa tradicional e dar voz às perspectivas indígenas?**

**Quais práticas pedagógicas podem ser mais eficazes para sensibilizar os alunos sobre os atravessamentos históricos, sociais e culturais dos povos indígenas e, ao mesmo tempo, fortalecer o entendimento de sua atualidade e relevância?**

## **Semana 3**

# **Temática Indígena na escola: garantias legais**

Cursista, você sabia que o ensino sobre a diversidade dos povos indígenas é fundamental e amparado por diversas legislações?

Nesta aula, vamos explorar as diretrizes legais que orientam a abordagem sobre os povos indígenas na educação básica, passando pela BNCC, a Lei 11.645/2008, a LDB e a Constituição Federal. Vamos entender a importância e a aplicabilidade dessas normativas para garantir uma educação comprometida com a diversidade cultural!

A inclusão da história e das culturas dos povos indígenas nos currículos escolares é obrigatória e visa a valorização da diversidade cultural. Desde a promulgação da Lei 11.645/2008, tornou-se obrigatório o ensino de História e Cultura Indígena nas escolas públicas e privadas em todo o país. Essa legislação, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) de 1996, com o objetivo de assegurar que as escolas promovam um entendimento amplo e respeitoso sobre os povos indígenas, desconstruindo preconceitos e promovendo uma educação mais inclusiva.

## **Semana 3**

# **Temática Indígena na escola: garantias legais**

**Leia na íntegra o texto da Lei 11.645/2008:**  
**[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm)**.



Embora a promulgação da Lei tenha ocorrido, ela não representou, por si só, uma mudança significativa no ensino de história e culturas indígenas. Ainda há um caminho longo a ser percorrido a começar pela análise crítica sobre as imagens e narrativas que compõem os livros didáticos pois estas “são sempre decorrentes de escolhas políticas de seus produtores e das circunstâncias que influenciaram essa produção” (PEREIRA; MIOTO; NODA, 2018, p. 42).

** Assista ao vídeo do escritor Daniel Munduruku sobre a Lei 11.645/2008: <https://www.youtube.com/watch?v=ZaMUFVXARkU>.**

## Semana 3

# Temática Indígena na escola: garantias legais

A **Constituição Federal de 1988** reconheceu os direitos dos povos indígenas no Brasil, afirmando em seu artigo 231 a importância de respeitar suas tradições e modos de vida. A Constituição também estabelece, no artigo 205, que a educação é um direito de todos, devendo ser promovida de forma a desenvolver a cidadania e o respeito à diversidade. Dessa forma, a inclusão da história indígena no currículo escolar é uma extensão desses direitos, garantindo que a educação colabore para uma sociedade mais igualitária e informada.



A inclusão do temário indígena no âmbito escolar é garantido por lei.

Foto: Agência Brasil

## **Semana 3**

# **Temática Indígena na escola: garantias legais**

A **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)** de 1996 destaca a importância de valorizar a pluralidade cultural do país. Com a introdução da BNCC (Base Nacional Comum Curricular), o ensino sobre os povos indígenas foi fortalecido, inserindo conteúdos que tratam das culturas indígenas nas áreas de Ciências Humanas e Linguagens. A BNCC sugere um olhar sobre as contribuições culturais e históricas dos povos indígenas, incentivando atividades e conteúdos que discutam suas visões de mundo, práticas sociais e formas de organização.

A implementação dessas leis e diretrizes visa um ensino que vá além dos estereótipos, incentivando o respeito e a valorização da diversidade. Ao promover o entendimento das diferentes culturas indígenas, a escola atua como um agente de transformação social, construindo uma sociedade que reconhece e respeita as culturas originárias do Brasil. Porém, **as leis por si só não garantem a inclusão efetiva dos conteúdos indígenas nas escolas.** Elas estabelecem a obrigatoriedade e o amparo legal para o ensino das culturas e história dos povos indígenas, mas há diversos desafios que impedem a plena realização desse objetivo.

## **Semana 3**

# **Temática Indígena na escola: garantias legais**

## **Fórum da Semana 3**



**Em sua opinião, quais são os principais desafios para a implementação das leis que garantem o ensino da cultura indígena nas escolas?**

**Como podemos superar esses obstáculos na prática pedagógica?**

# Representações genéricas (como e por que combatê-las; Diversidade real em números)

Cursistas, o que vocês pensam ao ler sobre “povos indígenas”?

Um dos maiores desafios para ensinar sobre os povos indígenas é combater a visão genérica e estereotipada, que coloca os diversos grupos em uma única perspectiva. Nesta aula, vamos explorar como apresentar a diversidade real dos povos originários, valorizando suas especificidades culturais, linguísticas e sociais.

### BRINCAR DE ÍNDIO

(Michael Sullivan/ Paulo Massadas  
disco *Xou da Xuxa da Som Livre*)

VAMOS BRINCAR DE ÍNDIO  
MAS SEM MOCINHO  
PRA ME PEGAR  
VENHA PRA MINHA TRIBO  
EU SOU O CACIQUE  
VOCÊ É MEU PAR.

ÍNDIO FAZER BARULHO  
ÍNDIO TER SEU ORGULHO  
VEM PINTAR A PELE  
PARA A DANÇA COMEÇAR.

PEGO MEU ARCO E FLECHA  
MINHA CANOA  
E VOU PESCAR  
VAMOS FAZER FOGUEIRA  
COMER DO FRUTO  
QUE A TERRA DÁ.

ÍNDIO FAZER BARULHO  
ÍNDIO TER SEU ORGULHO  
ÍNDIO QUER APITO  
MAS TAMBÉM SABE GRITAR.

ÍNDIO NÃO FAZ MAIS LUTAS  
ÍNDIO NÃO FAZ GUERRA  
ÍNDIO JÁ FOI UM DÍA  
O DONO DESSA TERRA  
ÍNDIO FICOU SOZINHO  
ÍNDIO QUERER CARINHO  
ÍNDIO QUERER DE VOLTA  
A SUA PAZ.



## **Semana 4**

### **Representações genéricas (como e por que combatê-las; Diversidade real em números)**

A visão genérica dos povos originários é um problema frequente seja na educação, na mídia e na sociedade como um todo. Muitas vezes, tratam-se todos os povos indígenas como um único grupo homogêneo, com as mesmas tradições, língua e costumes. Essa visão simplificada impede a compreensão da riqueza e diversidade cultural das mais de 305 etnias indígenas no Brasil (IBGE).

Muitas vezes, o que chega aos alunos sobre os povos indígenas são representações padronizadas e folclorizadas, como o "índio da floresta" que vive em ocas, faz dança da chuva e usa arco e flecha. Esse tipo de imagem cria uma percepção limitada e estereotipada, reduzindo a sua pluralidade: ao reproduzir essa representação, acabamos apagando as diferenças culturais entre povos indígenas, que têm modos de vida, práticas religiosas, línguas e tradições completamente distintas entre si.

## **Semana 4**

### **Representações genéricas (como e por que combatê-las; Diversidade real em números)**

Por exemplo, enquanto alguns povos vivem em áreas de floresta, como os Yanomami, outros habitam regiões de cerrado, como os Xavante. Há também comunidades indígenas urbanas, que vivem em cidades e conciliam sua identidade indígena com a vida moderna. Cada etnia tem sua própria visão de mundo, suas cosmologias, formas de organização social e práticas culturais únicas.

A diversidade linguística dos povos indígenas é um aspecto marcante dessa pluralidade. Existem hoje cerca de 274 línguas indígenas no Brasil, pertencentes a diferentes famílias linguísticas, como Tupi, Macro-Jê, Aruak e Karib. Cada uma dessas línguas carrega consigo uma forma particular de ver e descrever o mundo. Ensinar sobre essa diversidade linguística é fundamental para reconhecer a complexidade dos povos originários e valorizar suas contribuições culturais.

## Semana 4

### Representações genéricas (como e por que combatê-las; Diversidade real em números)



Famílias linguísticas indígenas no Brasil. Instituto Socioambiental, 2023.  
Disponível em: <https://mirim.org/pt-br/lingua>. Acesso em: 08 Jan. 2025.

## **Semana 4**

### **Representações genéricas (como e por que combatê-las; Diversidade real em números)**

Além das línguas, os modos de vida variam amplamente. As tradições também variam: festas, ritos de passagem, cosmologia e até a relação com a natureza são diferentes entre os povos. Essa diversidade desafia a imagem de um "índio universal" e nos lembra da importância de ensinar com respeito e precisão sobre cada grupo.

A educação sobre a diversidade indígena é uma ferramenta poderosa para reduzir o preconceito e valorizar as identidades indígenas. Quanto mais estudantes entenderem a complexidade cultural dos povos originários, menos espaço haverá para estereótipos e generalizações e as instituições de ensino desempenham um papel crucial neste processo.

**Semana 4**  
**Representações genéricas**  
**(como e por que combatê-las;**  
**Diversidade real em números)**



**Fórum da Semana 4**

**Como a imagem anexada demonstra os estereótipos enraizados no imaginário sobre os povos indígenas?**

**Que práticas pedagógicas poderiam ajudar a desconstruir essas imagens generalizadas?**

# **Semana 5**

## **Ensino do tema de forma decolonial e interdisciplinar:**

### **Desafios e avanços**

Olá!

Você já parou para pensar em como as histórias e culturas dos povos indígenas podem ser ensinadas de maneira decolonial e interdisciplinar? Nesta aula, vamos abordar estratégias e práticas que trazem a diversidade indígena para a sala de aula de forma crítica, promovendo um ensino que valoriza as vozes indígenas e conecta diferentes disciplinas.

A abordagem decolonial no ensino sobre os povos indígenas busca romper com uma visão eurocêntrica da história e valorizar o conhecimento, a cultura e as narrativas dos próprios povos nativos. Isso significa reconhecer a colonização como um processo violento, mas também valorizar a resistência, a sabedoria e a contribuição dos povos indígenas para a sociedade atual. Além disso, trabalhar o tema de forma interdisciplinar, integrando diferentes áreas do conhecimento, fortalece o entendimento da complexidade e diversidade das culturas indígenas.

## **Semana 5**

# **Ensino do tema de forma decolonial e interdisciplinar: Desafios e avanços**

Ensinar de forma decolonial implica questionar os paradigmas tradicionais que tratam os povos indígenas como elementos do passado ou como personagens de uma história que não evoluiu. A perspectiva decolonial incentiva a valorização das culturas indígenas como vivas e dinâmicas, promovendo um ensino que respeite a complexidade e a atualidade dos modos de vida indígenas.

Em sala de aula, isso significa abrir espaço para as vozes indígenas, trazer conteúdos produzidos por indígenas e ensinar sobre o impacto da colonização de maneira crítica e reflexiva. Com as possibilidades que as redes sociais trazem, muitos indígenas têm criado conteúdo para plataformas como Instagram e TikTok, abordando informações importantes como o cotidiano nas comunidades e questões relacionadas à alimentação, vestimentas, rituais, organização social e familiar e outros tópicos importantes para a compreensão de suas culturas.

## **Semana 5**

# **Ensino do tema de forma decolonial e interdisciplinar: Desafios e avanços**

Para a professora Vera Candau (2020), desnaturalizar esses processos de repetição de estereótipos é crucial para o desenvolvimento de uma educação intercultural crítica e decolonial, que reconheça e valorize diferentes saberes e culturas, especialmente as que foram historicamente marginalizadas.

Ao ensinar sobre os povos indígenas de forma interdisciplinar, os educadores conseguem conectar o tema com diferentes áreas do currículo, enriquecendo o aprendizado. Integrar debates contemporâneos, como mudanças climáticas e direitos humanos, com as contribuições indígenas, pode ampliar o escopo das discussões. Em Ciências, por exemplo, é possível estudar as práticas sustentáveis dos povos indígenas e sua relação com o meio ambiente.

## **Semana 5**

# **Ensino do tema de forma decolonial e interdisciplinar: Desafios e avanços**

Em História, é possível falar, por exemplo, das resistências indígenas durante os períodos colonial, imperial e republicano, enquanto em Geografia pode-se investigar a territorialidade indígena e os desafios atuais que eles enfrentam em relação à terra. Em Artes, a riqueza visual, musical e estética indígena oferece um campo vasto para criação e expressão.

**Você pode ver, neste link, uma iniciativa do Centro de Educação de Tempo Integral (Ceti), no Amazonas.**



Apesar de suas muitas vantagens, a abordagem decolonial e interdisciplinar enfrenta desafios.

Entre eles:

## Semana 5

# Ensino do tema de forma decolonial e interdisciplinar:

### Desafios e avanços

Ausência de formação docente:

1

Muitos educadores não se sentem à vontade para ensinar sobre a diversidade indígena pela falta de contato com a temática

2

Escassez de materiais e recursos didáticos: Materiais que realmente trazem a perspectiva indígena e permitem uma visão decolonial são limitados

3

Livros, filmes e recursos visuais que apresentem a pluralidade dos povos indígenas e tenham sido produzidos ou validados por indígenas ainda são poucos nas escolas; e

4

Desconhecimento e resistência cultural: Ainda há, na sociedade, preconceitos e desconhecimento sobre os povos indígenas, o que pode dificultar o ensino. A desconstrução de estereótipos e a construção de uma visão respeitosa exige esforço e paciência de nossa parte.

**Semana 5**  
**Ensino do tema de forma decolonial e**  
**interdisciplinar:**  
**Desafios e avanços**

**Fórum da Semana 5**



**Quais práticas pedagógicas você acredita que podem ajudar a superar os desafios de um ensino decolonial e interdisciplinar sobre os povos indígenas?**

**Como você as aplica (ou aplicaria) em sua escola?**

## Semanas 6 e 7

### Saberes ancestrais em voga

Olá, cursistas! Vamos falar sobre os saberes ancestrais?

Esse tema, cada vez mais em voga, nos ajuda a olhar para o passado como uma fonte de inspiração e aprendizado para o presente. Esses conhecimentos, transmitidos de geração em geração, envolvem práticas, valores e histórias que se conectam profundamente com a natureza e as comunidades. Eles aparecem na literatura, na língua, na arte, na medicina e até na sustentabilidade, mostrando como diferentes povos lidavam – e ainda lidam – com o mundo.



A artista e influenciadora digital We'e'na Tikuna produz, além de bonecas, artefatos de moda indígena sustentável.

Foto: We'e'na Tikuna

## **Semanas 6 e 7**

### **Saberes ancestrais em voga**

Na literatura e na língua, encontramos uma riqueza imensa em narrativas orais, como mitos, lendas e cantos. Essas histórias muitas vezes trazem ensinamentos sobre respeito à natureza, convivência comunitária e modos de viver mais harmônicos. É importante pensar em como algumas palavras ou expressões de línguas indígenas, por exemplo, são tão específicas para descrever fenômenos naturais ou sentimentos que simplesmente não têm tradução em outras línguas. Quando valorizamos essas línguas e suas literaturas, preservamos não apenas palavras, mas também formas de ver e entender o mundo.



## Semanas 6 e 7

# Saberes ancestrais em voga

39

Leia o poema “Brasil” de Eliane Potiguará:

*Que faço com a minha cara de índia?*

*E meus cabelos*

*E minhas rugas*

*E minha história*

*E meus segredos?*

*Que faço com a minha cara de índia?*

*E meus espíritos*

*E minha força*

*E meu tupã*

*E meus círculos?*

*Que faço com a minha cara de índia?*

*E meu Toré*

*E meu sagrado*

*E meus “cabocos”*

*E minha Terra?*

*Que faço com a minha cara de índia?*

*E meu sangue*

*E minha consciência*

*E minha luta*

*E nossos filhos?*

*Brasil, o que faço com a minha*

*cara de índia?*

*Não sou violência*

*Ou estupro*

*Eu sou história*

*Eu sou cunhã*

*Barriga brasileira*

*Ventre sagrado*

*Povo brasileiro*

*Ventre que gerou*

*O povo brasileiro*

*Hoje está só...*

*A barriga da mãe fecunda*

*E os cânticos que outrora*

*cantavam*

*Hoje são gritos de guerra*

*Contra o massacre imundo*

Metade Cara, Metade Máscara. 3ª ed. Rio de Janeiro, Grumin Edições, 2018.

Site oficial: [www.elianepotiguará.org.br](http://www.elianepotiguará.org.br)

Foto: Domínio público (Canva)

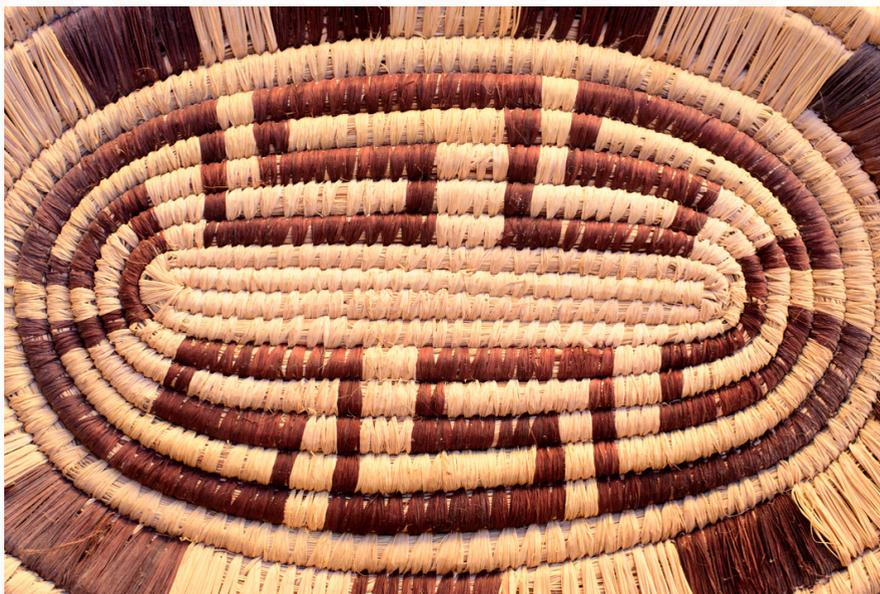


## Semanas 6 e 7

# Saberes ancestrais em voga

Na arte, os saberes ancestrais nos convidam a observar o uso de materiais naturais, técnicas manuais e uma forte ligação entre o ato de criar e o meio ambiente. A arte nunca é só estética; ela carrega histórias, significados e tradições que podem ser transmitidos de forma poderosa para os alunos. Você já parou para pensar como um padrão em um tecido ou um desenho pode contar a história de um povo?

Foto: Domínio público (Canva)



Veja também as músicas da cantora indígena Kaê Guajajara:  
<https://open.spotify.com/intl-pt/artist/3PMGE59u9984fAh4jVYP6C>



## Semanas 6 e 7

### Saberes ancestrais em voga

Quando falamos de medicina ancestral, entramos em um campo cheio de aprendizados sobre plantas medicinais, práticas de cuidado holístico e respeito ao corpo e à mente. Muitas dessas práticas hoje estão sendo redescobertas e até integradas à medicina moderna. Além disso, a relação com o meio ambiente é outro aspecto dos saberes ancestrais. Ailton Krenak, primeiro indígena membro da Acadêmica Brasileira de Letras, tem diversas obras que tratam sobre o assunto, como “ideias para adiar o fim do mundo”. Como educadores, podemos trazer esses saberes para as salas de aula de forma a incentivar a valorização das culturas tradicionais e o respeito à diversidade. Afinal, esses conhecimentos não são apenas memórias, mas soluções e reflexões para o presente e o futuro.

**(44) Culturas Indígenas - YouTube** Esta playlist aborda aspectos das culturas dos povos indígenas. Os vídeos foram produzidos pelo Itaú Cultural. Clique no link para assistir. 

## **Semanas 6 e 7**

### **Saberes ancestrais em voga**

## **Fórum das Semanas 6 e 7**



**1) Como sensibilizar as crianças e adolescentes na escola a partir dos elementos que o texto oferece?**

**2) Como manter os saberes ancestrais e a qualidade nutricional dos alimentos plantados e naturais diante de toda a indústria cultural da alimentação, que estimula o consumo excessivo dos industrializados?**

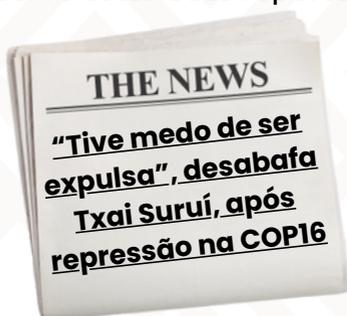
## **Semanas 8 e 9**

# **Desafios contemporâneos enfrentados pelos povos originários**

Olá, cursistas!

Hoje vamos conversar sobre os desafios enfrentados pelos povos originários nos tempos atuais. Apesar de serem os primeiros habitantes das terras que hoje chamamos de Brasil, os povos nativos continuam lutando para garantir seus direitos básicos, como acesso à terra, preservação de suas culturas e resistência contra processos de assimilação. É um tema urgente e essencial, especialmente para nós, que temos o papel de educar as próximas gerações sobre respeito.

Observe estas duas reportagens:



## Semanas 8 e 9

# Desafios contemporâneos enfrentados pelos povos originários

Essas matérias mostram um pouco das dificuldades enfrentadas pelos povos originários para garantir seus direitos. A luta pela terra talvez seja o desafio mais visível e constante. Muitos grupos dependem de seus territórios não só como um lugar para viver, mas como a base de suas identidades e modos de vida. No entanto, o avanço do agronegócio, da mineração e da urbanização ameaça suas terras, muitas vezes ignorando direitos reconhecidos em legislações nacionais e internacionais. Para eles, a terra não é apenas propriedade; é mãe, fonte de vida e equilíbrio. Perder seus territórios significa perder uma parte fundamental de sua existência e cultura.



Foto: Lohana Chaves/Funai

## **Semanas 8 e 9**

### **Desafios contemporâneos enfrentados pelos povos originários**

Outro grande desafio é a preservação cultural. Línguas, rituais, saberes ancestrais e modos de organização comunitária estão em risco devido ao apagamento histórico, ao preconceito e às pressões do mundo globalizado. No entanto, a resistência cultural dos povos originários tem sido impressionante. Eles mantêm viva a transmissão oral de histórias, o uso de suas línguas maternas e a prática de seus rituais, muitas vezes adaptando-os aos novos tempos sem perder sua essência. Essa resiliência nos ensina muito sobre a força da identidade e o valor de preservar quem somos, mesmo diante das adversidades.

Além disso, os povos originários enfrentam os processos de assimilação, que tentam moldá-los aos padrões dominantes, apagando suas particularidades. Isso acontece na educação, na religião, na política e até na economia. Mas muitos desses povos resistem, afirmando o direito de viver segundo seus próprios valores e escolhas, mostrando que a diversidade cultural é uma riqueza, não um obstáculo.

Ao abordar esses temas na educação, temos a oportunidade de desmistificar preconceitos e construir pontes de diálogo e respeito. É uma chance de ensinar sobre a importância de um mundo mais inclusivo e consciente, onde os direitos e as culturas de todos os povos sejam respeitados.

# **Semanas 8 e 9**

## **Desafios contemporâneos enfrentados pelos povos originários**

### **Fórum das Semanas 8 e 9**



**Como podemos, enquanto educadores, apoiar os povos originários em sua luta pela preservação cultural e pelos direitos territoriais?**

### A construção de um mural pedagógico

A proposta da atividade final da disciplina consistiu na elaboração de um mural pedagógico, um espaço visual enriquecido com palavras e imagens que instiguem a reflexão e o interesse dos observadores. O objetivo foi trazer para o ambiente escolar ou outros espaços educativos uma abordagem decolonial sobre as culturas e a história indígenas, rompendo com estereótipos e promovendo uma valorização dos saberes e contribuições dos povos originários.

Os participantes foram incentivados a colocar em prática as discussões e aprendizados construídos ao longo da formação, integrando diferentes áreas do conhecimento e dialogando com múltiplos saberes cotidianos. Para aqueles que não atuam em sala de aula, foi sugerida a realização da atividade em outros espaços educativos, garantindo a ampla disseminação do conhecimento abordado.

#### **Os murais deveriam obrigatoriamente conter:**

- Imagens nítidas que problematizem o papel do indígena na história e cultura brasileira;
- Perguntas e provocações que levem os observadores a refletirem sobre a importância dos povos indígenas na constituição genética e sociocultural do país;
- Uma perspectiva decolonial, desconstruindo mitos e equívocos históricos recorrentes no ensino tradicional.

## **Atividade Final**

### **A construção de um mural pedagógico**

Além de contribuir para a ampliação do conhecimento sobre a diversidade e a relevância da cultura indígena, a atividade permitiu a interação e a colaboração entre os participantes, que puderam trabalhar em conjunto na criação dos murais.

Após a montagem, os cursistas apresentaram o processo de elaboração e compartilharam imagens das produções, promovendo um espaço de troca e reflexão coletiva. O fórum das semanas 10 e 11 foi o espaço dedicado para essas socializações, permitindo que todos aprendessem com as experiências uns dos outros e construíssem uma visão mais ampla e crítica sobre a temática indígena na educação.

Essa atividade reforçou a importância de abordagens educativas que respeitem e valorizem os saberes indígenas, contribuindo para uma educação mais inclusiva, crítica e transformadora. Confira alguns:

# **Atividade Final**

## **A construção de um mural pedagógico**

### **Fórum do Mural**



- 1) Comentar brevemente como elaborou o mural, suas parcerias e apoio, mostrando a intenção adotada para desconstruir alguns equívocos e mitos indígenas;**
- 2) Anexar a imagem nítida do mural para que todos possam observar. Reduza a imagem para ela não ficar longa.**

# Atividade Final

## A construção de um mural pedagógico

Cursista A



“Trabalhando gêneros textuais resgatei a parlenda ‘Borboletinha’, contextualizando a palavra POTI no universo infantil (origem tupi: CAMARÃO). Assim, ampliei o conteúdo, desconstruindo uma simples repetição de palavra e entendendo a origem dela. Em complemento, montamos nesta fase inicial, um segundo mural com palavras de origem tupi que estamos acostumados a falar e a ouvir: nomes de pessoas e lugares, frutas, objetos, pássaros, plantas, brinquedos ou brincadeiras.”



# Atividade Final

## A construção de um mural pedagógico

Cursista C

“Essa produção foi pensada como um convite ao conhecimento e à empatia, para que possamos enxergar os povos originários não apenas como parte da História, mas como protagonistas vivos e ativos na construção de um Brasil mais justo, diverso e respeitoso com suas raízes.”



**Entrelaçando Histórias: Explorando a Cultura Indígena na escola**  
**Painel Pedagógico: Os povos indígenas para além dos livros didáticos**

**DANIEL MUNDURUKU**

Escritor, professor e ativista indígena brasileiro, nascido em Belém do Pará, em 28 de fevereiro de 1964. Pertencente ao povo Munduruku, ele é reconhecido por suas contribuições à literatura infantojuvenil e por sua atuação na promoção da cultura indígena. Autor de mais de 60 livros, Munduruku dedica-se principalmente à literatura infantojuvenil, abordando temas como mitos, lendas e a diversidade cultural indígena.

**OBRAS LITERÁRIAS**



**TRECHOS DAS OBRAS**

“ Os índios não são apenas do passado. Eles estão vivos, presentes em nossas comunidades, ensinando-nos a viver em harmonia com a natureza e a respeitar todas as formas de vida ”

“ Desde então, o nosso povo trata o cão como um verdadeiro filho. As mulheres, quando necessário, não hesitam em dar aos cães o grémio leite e deixam-nos dormirem na mesma rede. Eles recebem-nos como se os cachorrinhos e os pequenos Munduruku fossem realmente irmãos ”

“ Nasci no meio da floresta onde tem muitos animais muita água e na floresta que caçamos, pescamos, colhemos dela tiramos nossa comida, nossos brinquedos e até nossos remédios. Desde pequeno aprendi a respeitar o índio que a gente gosta que a gente dança que a gente brinca ”

“ Ser indígena é uma forma de estar no mundo ”

**Autoria:**  
Francimar Silva  
(Pedagoga formada pela Universidade Federal rural da Amazônia- UFRA)

**Referência:**  
CECIEJR

**ORGANIZAÇÃO:**  
MUNICÍPIO DE BELÉM  
SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO  
COORDENADORIA DE AÇÃO PEDAGÓGICA

# Atividade Final

## A construção de um mural pedagógico

Cursista D



“Mais do que um painel na parede, esse mural virou um espaço de afeto, de troca e de construção coletiva de saberes. Ver o brilho nos olhos das crianças ao reconhecerem suas produções ali, e ao mesmo tempo contarem o que aprenderam, é um indicativo de que esse tipo de trabalho tem potência real para transformar o olhar delas – e o nosso também.”

# Atividade Final

## A construção de um mural pedagógico

Cursista E

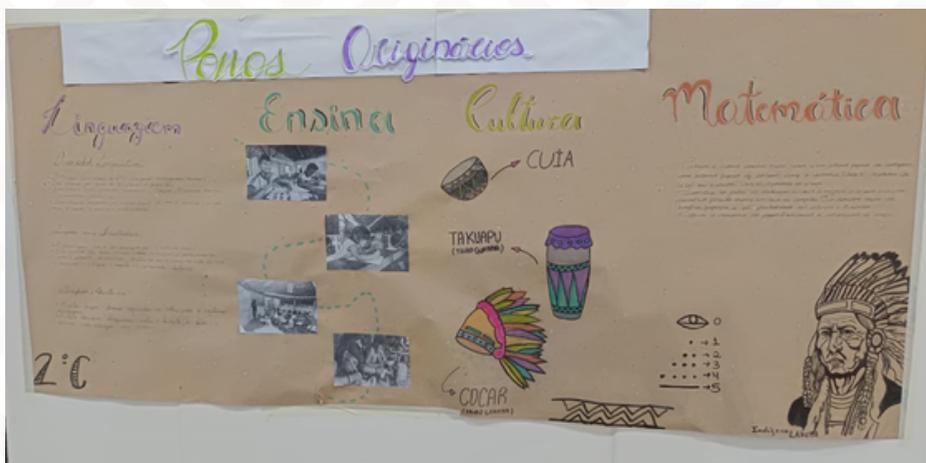


“A intenção em fazer um mural com essas imagens, brincando com o conceito de lugar geográfico e lócus profissional, é confrontar a visão estereotipada que se constrói dos indígenas, tanto quanto ao fenótipo, como as atividades laborais e conseqüentemente as capacidades cognitivas.”

# Atividade Final

## A construção de um mural pedagógico

Cursista F



“Solicitei aos alunos a elaboração de um mural respondendo à questão “o que os povos originários têm para nos ensinar?”. Pedi que incluíssem algo ligado à Matemática (sistemas de numeração, padrões geométricos, etc.) e utilizassem imagens autênticas ou desenhos baseados nessas imagens.”

# Atividade Final

## A construção de um mural pedagógico

Cursista G



### CULTURA E TRADIÇÕES DOS POVOS INDIGENAS

**ETNIA**



**RITUAIS**



**ARTESANATO**



**DANÇA**



**ALIMENTAÇÃO**



**REMÉDIOS CASEIROS**



“Minha metodologia com a turma foi formar grupos com temas variados: artesanato, etnias, remédios caseiros, danças, rituais e festivais. Cada grupo trouxe uma imagem e assim formamos o mural denominado ‘CULTURA E TRADIÇÕES DOS POVOS ORIGINÁRIOS’.”

# Atividade Final

## A construção de um mural pedagógico

Cursista H

“A intenção do mural é mostrar que a cultura indígena pode ser abordada em todas as áreas do conhecimento, pois ela não é restrita a uma só ou a um período do ano. Busquei evidenciar como os saberes indígenas podem atravessar conteúdos, valorizando a ancestralidade, os modos de vida e do corpo do mundo, e as contribuições dos povos originários para a formação da nossa sociedade.”



# Atividade Final

## A construção de um mural pedagógico

Cursista I



“Sempre trouxe pros meus alunos, principalmente para os do segundo segmento, alguns líderes indígenas importantes... já dialoguei com eles sobre 5 pessoas: Ailton Krenak, Sônia Guajajara, Raoni Metuktire, Joênia Wapichana e Davi Kopenawa. Faria um mural com os 5 líderes que tem impacto significativo na história do Brasil, principalmente na luta pelos seus direitos e pela preservação da cultura e do território.”

# Atividade Final

## A construção de um mural pedagógico

Cursista J



“Realizamos atividades com os livros “Sou Indígena”, “Tupinambás” e assistimos o filme Tainá. Estimulamos roda de conversa com as crianças ao ar livre e realizamos uma votação autônoma [para escolher o nome da turma] promovendo o protagonismo, dando voz e decisão para as crianças. O nome mais votado foi Tupinambá!”

# Atividade Final

## A construção de um mural pedagógico

Cursista K

Os povos indígenas e suas filosofias podem ser a chave para um futuro melhor!

**HUTUKARA É O UNIVERSO!!**

Uma boa relação com esse universo vivo nos permite sonhar com um futuro mais coletivo, próspero e sustentável, contrariando todas as perspectivas utilitaristas e de destruição causadas desde o passado pelo “homem branco”.

**Com a palavra, DAVI KOPENAWA**

Escritor, ator, líder político e xamã Yanomami

Para nós, indígenas a **HUTUKARA** sustenta nossa fome, sustenta a nossa comida. A comida vem de onde? A comida vem da **HUTUKARA**.

A nossa mãe, o nosso pai, trabalham por ela, plantam a alimentação, e a **HUTUKARA** deixa nascer e crescer para a gente comer. O pensamento Yanomami é diferente, não podemos destruir. Destruir e ameaçar a terra para nós não é bom. Nós temos que respeitar porque a **HUTUKARA** é **IGUAL NÓS, ELA ESTÁ VIVA**.

Que tal explorar mais sobre o universo dos povos originários?

O que acham de começar a partir da filosofia Yanomami?

**Indicação de leitura:**  
Hutukara: Grito da terra de Davi Kopenawa

“Inspirada pelo samba enredo de 2024 da Acadêmicos do Salgueiro, “Hutukara”, pensei que seria interessante partir da frase: “Pois a chance que nos resta é um Brasil cocar”, para gerar dúvida nos alunos e instigá-los a questionar e pesquisar mais sobre a cultura dos povos originários e suas contribuições amando, a princípio, do pensamento Yanomami , em especial de Davi Kopenawa.”

# Atividade Final

## A construção de um mural pedagógico

Cursista L

“Optei por incentivar meus alunos a produzirem um jogo da memória com palavras de origem indígena a partir da leitura do livro “O Tupi que você fala”, de Ailton Krenak. Pensei em fazer algo que pudesse ser utilizado novamente em outros momentos por todos os alunos da escola, além do jogo proporcionar aprendizado de forma leve e lúdica.”



# Atividade Final

## A construção de um mural pedagógico

Cursista M

**MUITO DO BRASIL É INDÍGENA!**

Palavras, sabores, saberes e culturas que vivem em nós todos os dias. ✨

**PALAVRAS INDÍGENAS NO NOSSO VOCABULÁRIO**  
abacaxi pipoca tatu  
jacaré capivara arara  
mandioca maracujá  
peteca ipé jabuti

Mais de 20 mil palavras da nossa língua vêm dos povos originários!

**DA FLORESTA PARA O PRATO**

Esses alimentos são presentes dos povos originários ao mundo.

**SONS E RITMOS**

**SABEDORIA ANCESTRAL**

“A terra não nos pertence. Nós pertencemos a ela.”  
- Provérbio indígena

“A educação que queremos é aquela que respeita o nosso jeito de ser.”  
- Allton Krenak

**GALERIA DE ARTE INDÍGENA**

A arte indígena é repleta de símbolos, histórias e identidade.

Educar é valorizar a sabedoria de todos os povos. E os povos indígenas são os primeiros mestres deste chão.

“Esses murais representativos ajudam a combater estereótipos e preconceitos, mostrando que os povos indígenas não pertencem apenas ao passado. Eles são protagonistas do presente e continuam a lutar, criar, ensinar e viver suas culturas com dignidade.”

# Atividade Final

## A construção de um mural pedagógico

Cursista N

“A temática Indígena já vinha sendo discutida ao longo do ano, em conteúdos sobre territórios, direitos humanos, questões raciais e ambientais e o mural serviu como recurso visual referente ao Abril Indígena”



Fontes:

Denilson Baniwa, Brasil, Terra Indígena. 2022, colagem sobre tela

[olhonosruralistas.com.br/2018/09/27/relatorio-aponta-crescimento-das-invasoes-a-terras-indigenas-em-2017/?amp=1](https://olhonosruralistas.com.br/2018/09/27/relatorio-aponta-crescimento-das-invasoes-a-terras-indigenas-em-2017/?amp=1)

<https://www.brasildefato.com.br/2023/08/16/povos-indigenas-existem-e-resistem-no-brasil/>

# Semana de encerramento

Olá cursista,

Chegamos ao fim da disciplina. Certamente nossa troca de experiência deixará saudades. E temos a certeza de que vocês sairão da disciplina com outro olhar sobre a história e cultura dos povos ancestrais e sobre como carregamos um pouco de história em nossas ações pedagógicas.

Contamos com vocês para sensibilizarem essa nova geração e promoverem práticas que valorizem nossos saberes ancestrais. Cada um de vocês terá um papel importante nessa missão!

Nesta semana final, faremos um feedback da disciplina e pedimos que todos participem do fórum final. Continuaremos o debate por ali. E lembrem-se: a luta por manter o direito de nossos povos ancestrais continua com a gente.

Muitos sofreram, padeceram, mas nós estamos aqui e firmes para seguir fazendo a diferença!

E.. até a próxima disciplina!

## **Conclusões dos cursistas**

Nas últimas semanas do curso, especialmente no fórum de encerramento, os(as) participantes compartilharam percepções que revelam deslocamentos importantes na forma como compreendem a presença indígena na escola. Muitos relataram que, ao longo do percurso, passaram a reconhecer a centralidade das vozes indígenas na construção de práticas pedagógicas mais contextualizadas e respeitadas. Alguns depoimentos também ressaltaram o impacto da escuta direta de autores e artistas indígenas, proposta pelo curso.

Foram mencionadas, por exemplo, músicas que abordam a resistência e a identidade dos povos originários, assim como produções literárias que trazem narrativas em primeira pessoa, utilizadas como ponto de partida para atividades em sala de aula. Nesses relatos, a escolha por apresentar conteúdos criados por indígenas foi destacada como estratégia para enfrentar estereótipos e ampliar repertórios culturais entre os estudantes.

## **Conclusões dos cursistas**

Também foi recorrente a menção à importância de inserir os conhecimentos indígenas de maneira transversal, não restritos às datas comemorativas. Professores(as) compartilharam experiências de projetos que dialogam com a cultura alimentar, com os modos de vida tradicionais e com os direitos territoriais, articulando diferentes componentes curriculares. Em algumas falas, aparece a intenção de aprofundar essas ações, envolvendo as famílias e a comunidade no processo educativo.

Outros participantes enfatizaram que o curso os levou a revisar práticas passadas. Alguns afirmaram que, antes, tratavam o tema de forma superficial ou com base em representações genéricas. Ao longo das atividades propostas, relataram ter compreendido que os povos indígenas são múltiplos, diversos e contemporâneos, e que esse reconhecimento exige mudanças na maneira como o tema é abordado na escola.

## Conclusão dos cursistas

No encerramento, as respostas também indicaram um desejo de continuidade. Foram citadas iniciativas para compartilhar os materiais do curso com os colegas, propor formações internas e integrar os saberes indígenas nos projetos político-pedagógicos. A noção de que o conhecimento construído coletivamente pode gerar transformação institucional foi expressa por diversos(as) cursistas, reforçando a ideia de que o trabalho educativo nesse campo não se encerra com a formação, mas se desdobra nas práticas cotidianas. Além dessas perspectivas, algumas falas também apontaram lacunas e desejos de aprofundamento. Entre elas, destacou-se a percepção de que o curso poderia oferecer mais caminhos práticos de implementação, como sugestões para trazer indígenas às escolas, dar visibilidade aos indígenas urbanos e apresentar propostas mais voltadas ao cotidiano da sala de aula, incluindo disciplinas como Matemática, Educação Física ou as séries iniciais. Essas observações indicam não apenas a potência formativa do curso, mas também a necessidade de avançar em direções que tornem o tema ainda mais presente e aplicável no fazer pedagógico.

# Conclusão dos mediadores

A idealização deste curso partiu de inquietações que vêm me acompanhando como pesquisadora, professora e aprendiz: como tornar a escola um espaço verdadeiramente aberto às epistemologias indígenas? Como romper com lógicas curriculares que ainda silenciam ou exotizam os povos originários? Ao longo das semanas, pude ver que essas perguntas não são apenas minhas. Elas ecoam nas práticas, dúvidas e desejos de muitos(as) educadores(as) que participaram deste percurso. Mais do que compartilhar conteúdos, encontrei no curso um espaço potente de troca, escuta e construção coletiva. Cada relato, cada intervenção no fórum, cada dúvida compartilhada me ajudou a revisitar minhas próprias perspectivas e reafirmou a importância de pensar a educação como caminho de transformação mútua. Saio deste processo com a certeza de que plantamos sementes.

## **Conclusão dos mediadores**

Algumas já germinam em práticas concretas relatadas pelos(as) cursistas; outras seguirão amadurecendo, à espera de solo fértil. A proposta foi entrelaçar histórias, e o que se formou foi uma rede de sentidos, vínculos e movimentos que seguem pulsando, mesmo com o encerramento formal desta etapa. O curso terminou, mas deixou sementes, como este e-book. Sementes de inquietação, de escuta, de mudança. Como nos lembra a pedagogia decolonial, ensinar sobre os povos indígenas não é apenas transmitir conteúdos, mas reconfigurar o modo como nos relacionamos com a História, com o território, com o outro. E essas transformações, como mostraram os(as) cursistas, já começaram a acontecer. Nosso desejo é de que continuemos a espalhar essas sementes.

# Referências

Vídeos (entrevista com a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marize Guarani), que ajudou a idealizar o curso de extensão:

[https://drive.google.com/drive/folders/1BHqI3Qis21\\_qOVkF4PTXVlKM4M0jf7rl?usp=drive\\_link](https://drive.google.com/drive/folders/1BHqI3Qis21_qOVkF4PTXVlKM4M0jf7rl?usp=drive_link)

## Bibliografia sugerida

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. “Os índios na História do Brasil no século XIX: da invisibilidade ao protagonismo”. In: Revista História Hoje, v. 1, nº 2, p. 21-39. Niterói: Departamento de História, UFF. 2012. Disponível em: <https://rhhj.anpuh.org/RHHJ/article/view/39/29>. Acesso em 12 Jan. 2025.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 12 Jan. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em 12 Jan. 2025.

BRASIL. Lei nº 11.645/2008, de 10 Março De 2008. Inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena. Brasília, DF, [2008]. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm). Acesso em: 06 Dez. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018. Disponível em: [https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal.pdf](https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf). Acesso em 12 Jan. 2025.

# Referências

71

CANDAU, Vera Maria. Diferenças, educação intercultural e decolonialidade: temas insurgentes. In: Revista Espaço do Currículo (online). João Pessoa, v. 13, n° Especial, p. 678-686, dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/54949/32178>. Acesso em 06 Dez. 2023.

COSTA, V. M.; COELHO, F. J. F. Mural didático: o que ele pode proporcionar no espaço escolar? Texto de apoio da disciplina Educação para a convivência digital. Fundação CECIERJ: Rio de Janeiro, 2024.

CUNHA, Manuela Carneiro da. Os direitos dos povos indígenas no Brasil: O movimento indígena e a constituição de 1988. Editora FGV, 2009.

FREIRE, J. R. Bessa. Cinco ideias equivocadas sobre o índio. In: Revista do Centro de Estudos do Comportamento Humano (CENESCH). Nº 01. Manaus-Amazonas. Setembro 2000. P.17-33. [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/cinco\\_ideias\\_equivocadas\\_jose\\_ribamar.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/pdf/cinco_ideias_equivocadas_jose_ribamar.pdf)

KAYAPÓ, Edson; BRITO, Tamires. A pluralidade étnico-cultural indígena no Brasil: o que a escola tem a ver com isso? Dossiê Histórias Indígenas. Caicó, v. 15, n.35, jul./dez. 2014. pp. 38-68. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/7445/5817>. Acesso em 12 Jan. 2025.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. Futuro ancestral. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

MUNDURUKU, Daniel. O Banquete dos Deuses. Coleção Jovem Século 21. 1ª ed. São Paulo: Editora Angra, 2000.

# Referências

72

MUNDURUKU, Daniel. O caráter educativo do movimento indígena brasileiro (1970-1990). São Paulo: Paulinas, 2012.

PACHAMAMA, Aline Rochedo. Boacé Metlon. Palavra é coragem. Autoria e ativismo de originários na escrita da História. In: DORRICO, Julie; DANNER, Fernando; DANNER, Leno Francisco (orgs.). Literatura indígena brasileira contemporânea: autoria, autonomia, ativismo. [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Editora Fi, 2020. pp. 26-40. Disponível em: [https://www.editorafi.org/\\_files/ugd/48d206\\_093effa656194602b2bb25561277a65d.pdf](https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_093effa656194602b2bb25561277a65d.pdf). Acesso em: 20 Jan. 2025.

POVOS INDÍGENAS. Quem são. FUNAI, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/povos-indigenas/quem-sao>. Acesso em: 13 Nov. 2024.

POTIGUARA, Eliane. A terra é a mãe do índio. Rio de Janeiro: GRUMIN, 1989. Disponível em: [https://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/lemad-dh-usp\\_a\\_terra\\_%C3%A9\\_a\\_m%C3%A3e\\_do\\_%C3%ADndio.pdf](https://lemad.fflch.usp.br/sites/lemad.fflch.usp.br/files/lemad-dh-usp_a_terra_%C3%A9_a_m%C3%A3e_do_%C3%ADndio.pdf). Acesso em: 28 Jan. 2025.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: insurgir, re-existir e re-viver. In: Candau, Vera Maria (org.). Educação Intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas. Rio de Janeiro:7Letras, 2009. pp. 12-32. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/484685590/document-onl-walsh-catherine-interculturalidade-critica-e-pedagogia-decolonial-pdf>. Acesso em: 12 Dez. 2024.

ZANATTA, Claudia Vicari (et. al). (org). Saberes indígenas na escola/UFRGS; Memórias e resistências [recurso eletrônico]. 1ª ed. Porto Alegre: Cirkula, 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/saberesindigenas/wp-content/uploads/2021/09/Livro-Saberes-Indigenas.pdf>. Acesso em 08 Jan. 2025.

# **Entrelaçando Histórias: Explorando a Cultura Indígena na escola**

Agradecemos à professora Marize Guarani pela entrevista cedida em 2024. Por meio dela, pensamos o conteúdo programático do curso, de modo a valorizar cada vez mais a história e as culturas indígenas.

Muito obrigada à Fundação Cecierj e aos professores Francisco Coelho e Vinicius Motta pelo apoio e colaboração. O oferecimento da disciplina só foi possível com a ajuda de vocês.

# Entrelaçando Histórias: Explorando a Cultura Indígena na escola

## Os autores

### Gisele Veríssimo da Silva



Mestra em Ensino Educação Básica pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Graduada em Jornalismo pela mesma instituição. Formada em História (UNILASALLE-RJ) e Língua Inglesa (Estácio de Sá), pós-graduada em História e Cultura no Brasil (Estácio de Sá).

**e-mail:** verissimo18@outlook.com

### Lincoln Tavares Silva

Bacharelado e Licenciado em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ); Especialista em Políticas Territoriais do Estado no Rio de Janeiro pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Mestre em Educação pela Universidade Católica de Petrópolis (UCP) e Doutor em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é Professor Associado da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.



# DIÁLOGOS

A linha editorial DIÁLOGOS destina-se à divulgação de produções científicas voltadas para o professor, em que se estabeleça a relação entre teoria e prática na promoção de saberes sobre a educação, em suas diversas áreas de conhecimento, cabendo a experimentação metodológica e a abordagem multidisciplinar.

**Perfil dos autores:** profissionais da educação;

**Público-alvo:** profissionais da educação; estudantes de licenciatura e pós graduação.



ISBN: 978-65-5134-011-6

